



A PESQUISA COM/SOBRE BEBÊS NO NUPEIN: ANÁLISE DA TRAJETÓRIA

Research with/about babies in Nupein: analysis of the trajectory

Angela Maria Scalabrin **COUINHO**
Departamento de Teoria e Prática de Ensino
Universidade Federal do Paraná
Curitiba, Brasil
angelamscoutinho@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-3709-8561> 

Rosinete Valdeci **SCHMITT**
Núcleo de Formação, Pesquisa e Assessoramento da
Educação Infantil – NUFPAI/DEI
Prefeitura Municipal de Florianópolis
Florianópolis/ Brasil
rosinete.schmitt@sme.pmf.sc.gov.br
<https://orcid.org/0000-0002-4268-5920> 

Mais informações da obra no final do artigo 

RESUMO

O artigo trata da trajetória e contribuições dos estudos com e sobre os bebês, sua educação e cuidado no contexto da creche, desenvolvidos no Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Pequena Infância (Nupein) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Foram analisadas todas as pesquisas, de mestrado e doutorado, desenvolvidas pelos membros do núcleo, durante seus 30 anos de existência, com uma primeira dissertação defendida sobre o tema em 2000 e a última em 2019. A análise dos trabalhos permitiu a delimitação de 9 categorias temáticas: bebês; cuidado; docência; relações; corpo; linguagens; brincadeira; inserção e famílias, que foram reagrupadas em três categorias centrais: bebês; docências-relação e cuidado-corpo. Os estudos analisados representam uma produção contínua e dialógica entre as pesquisadoras do Nupein, na interface entre a Pedagogia da Infância e outros campos de conhecimento. E, conseqüentemente, um movimento crescente de refinamento do construto teórico que tem auxiliado de forma significativa a dar visibilidade aos bebês e a especificidade de seus processos educativos.

PALAVRAS-CHAVE: Bebês. Educação Infantil. Pesquisa. Análise da Produção.

ABSTRACT

The article deals with the trajectory and contributions of studies with and about babies, their education and care in the context of the nursery, developed at the Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Pequena Infância (Nupein) at the Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). All research, master's and doctoral, developed by the members of the nucleus, during its 30 years of existence, were analyzed, with a first dissertation defended on the theme in 2000 and the last one in 2019. The analysis of the works allowed the delimitation of 9 theme categories: babies; care; teaching; relations; body; languages; play; insertion and families, which were grouped into three central categories: babies; teaching-relations and care-body. The analyzed studies represent a continuous and dialogical production among Nupein researchers, at the interface between Pedagogy of Childhood and other fields of knowledge, in a growing movement to refine the theoretical construct that has significantly helped to give visibility to babies and specificities of educational processes.

KEYWORDS: Babies. Early Childhood Education. Research. Analysis of Production.

INTRODUÇÃO

O artigo trata da trajetória e contribuições dos estudos com e sobre os bebês, sua educação e cuidado no contexto da creche, desenvolvidos no Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Pequena Infância (Nupein) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O Nupein é reconhecido pela sua larga contribuição à produção na área da Educação Infantil, com especial destaque às suas pesquisas com/sobre os bebês¹. Reconhecimento esse evidenciado em estudos que se ocuparam de análises sistemáticas da produção, os chamados “estados da arte”.

Dentre eles, nos deparamos com o artigo de Buss-Simão, Rocha e Gonçalves (2015), que ao analisarem a produção científica sobre crianças de 0 a 3 anos no GT07 – Educação de Crianças de 0 a 6 anos, da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (Anped)– entre os anos de 2003 e 2013, chegam a um total de 23 trabalhos, dos quais 5 foram desenvolvidos por pesquisadoras vinculadas ao Nupein, grupo de pesquisa com maior número de trabalhos apresentados na Anped no período analisado.

O recorte temporal selecionado, para a análise aqui desenvolvida, são os 30 anos de atuação do Nupein, com a primeira dissertação defendida sobre o tema em 2000 e a última em 2019. Para a análise, optou-se pelo levantamento das produções a partir dos currículos lattes dos/as orientadores/as, bem como de informações que dispomos pela condição de pesquisadoras vinculadas ao Nupein, que desenvolveram seus estudos neste núcleo e acompanharam a trajetória da pesquisa sobre as crianças de 0 a 3 anos. A análise dos textos na íntegra considerou as versões disponíveis nos repositórios das bibliotecas das instituições em que as dissertações e teses foram defendidas. Maiores detalhes da análise estão na caracterização metodológica do estudo, apresentada na seção que segue esta introdução.

A partir da análise dos textos, foram delimitadas três categorias temáticas, quais sejam: i) Bebês; ii) Docência-relações; iii) Corpo-cuidado. Essas categorias serão tratadas em três seções específicas. Por fim, são tecidas considerações finais que destacam algumas características gerais dos estudos e suas implicações no âmbito social, bem como apontam indicativos para a continuidade da trajetória das pesquisas.

¹ Na seção em que tratamos do conceito de bebê, apresentamos uma discussão sobre a delimitação etária. Registramos aqui apenas que estes estudos se concentram no recorte etário 0 a 3 anos.

METODOLOGIA

Para a identificação do corpus de análise, foram tomados como referência os currículos lattes dos/as orientadores/as vinculados/as ao Nupein, bem como informações que detemos pela nossa condição de pesquisadoras vinculadas ao núcleo e ao tema analisado - a produção sobre os bebês. A partir destas fontes, foram observadas as dissertações e teses que tratam das crianças de 0 a 3 anos, nos 30 anos do Nupein. No quadro 1 são apresentados os dados de identificação dos trabalhos:

Quadro 1 – Trabalhos 0 a 3 anos Nupein

Ano	Tipo*	Título	Autor/a	Orientador/a Co-orientador/a
2000	D	A educação infantil na produção dos Programas de Pós Graduação em Educação no Brasil: as indicações pedagógicas das pesquisas sobre crianças de 0 a 3 anos em creches	Giandréa Reuss Strenzel	Eloisa Acires Candal Rocha
2002	D	As crianças no interior da creche: a educação e o cuidado nos momentos de sono, higiene e alimentação	Angela Scalabrin Coutinho	Ana Beatriz Cerisara
2003	D	Professoras de crianças pequenininhas: um estudo sobre a especificidade desta profissão	Patrícia Demartini	Ana Beatriz Cerisara
2004	D	Ser professora de bebês: um estudo de caso em uma creche conveniada	Fernanda Carolina Tristão	Ana Beatriz Cerisara
2008	D	"Mas eu não falo a língua deles!": as relações sociais de bebês num contexto de educação infantil	Rosinete Valdeci Schmitt	Eloisa Acires Candal Rocha
2010	T	A ação social dos bebês: um estudo etnográfico no contexto da creche	Angela Scalabrin Coutinho	Manuel Sarmento
2011	D	A constituição da linguagem e as estratégias de comunicação dos e entre os bebês no contexto coletivo da educação infantil	Joselma Salazar de Castro	Eloisa Acires Candal Rocha
2011	D	Professoras de bebês: as dimensões educativas que constituem a especificidade da ação docente	Fabiana Duarte	Eloisa A. Candal Rocha
2012	T	Relações sociais em um contexto de educação infantil: um olhar sobre a dimensão corporal na perspectiva de crianças pequenas	Márcia Buss-Simão	João Josué da Silva Filho
2014	T	As relações sociais entre professoras, bebês e crianças pequenas: contornos da ação docente	Rosinete Valdeci Schmitt	Eloisa Acires Candal Rocha
2014	D	A educação de bebês e crianças pequenas no contexto da creche: uma análise da produção científica recente	Fernanda Gonçalves	Eloisa Acires Candal Rocha Márcia Buss Simão
2015	D	Inserção na creche: estudo de caso de um bebê recém chegado	Rúbia Eneida Holz Jacques	Eloisa Acires Candal Rocha/ João Josué da Silva Filho
2015	D	Educação física para bebês - as práticas pedagógicas nas creches na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis	Mirte Adriane Varotto	João Josué da Silva Filho

2015	D	Educação de 0 a 3 anos: a qualidade na perspectiva das famílias de uma creche conveniada	Zenaide de Sousa Machado	Eloisa A. Candal Rocha
2016	D	A dimensão corporal na relação educativa com bebês: o que dizem os docentes	Rúbia Vanessa Vicente Demétrio	Eloisa A. Candal Rocha/ Kátia Adair Agostinho
2017	D	A inserção na relação educativo-pedagógica na educação infantil	Zoleima Pompe o Rodrigues	Kátia Adair Agostinho
2017	T	"Porque a gente tem um corpo né... Mas a gente só lembra do corpo quando ele dói!" A centralidade do corpo adulto nas relações educativas na educação infantil	Samantha Sabbag	Eloisa Acires Candal Rocha/ Márcia Buss-Simão
2019	D	O corpo dos bebês na constituição da especificidade da docência na educação infantil	Viviane Vieira Cabral	Kátia Adair Agostinho Rosinete V. Schmitt

Fonte: Elaborado pelas autoras.

*D= Dissertação/ T= Tese

Constatamos ainda trabalhos que foram desenvolvidos por pesquisadoras que fazem parte do Nupein, mas realizaram seus estudos em outros grupos de pesquisa:

Quadro 2 – Trabalhos 0 a 3 anos: Pesquisadoras Nupein em outros grupos

Ano	Tipo*	Título	Autor/a	Orientador/a Co-orientador/a	Grupo de pesquisa
2016	T	A docência na educação infantil como ato pedagógico	Joselma Salazar de Castro	Luciane Maria Schlindwein/ Julice Dias	GECRIARP Grupo de Pesquisas e Estudos Vigotskiano, arte, infância e formação de professores
2017	D	"Olha só, ele me enganou! estava com sono até agora...". O que nos dizem os bebês? Aproximação às práticas de cuidado a partir da etnografia na educação infantil	Jacira Carla Bosquetti Muniz	Patrícia de Moraes Lima	NUVIC Núcleo Vida e Cuidado: estudos e pesquisas sobre violências
2019	T	As palavras e seus deslimites: a relação dos bebês com os livros na educação infantil	Fernanda Gonçalves	Eliane Santana Debus Márcia Buss-Simão	LITERALISE Grupo de pesquisa em literatura Infantil e juvenil e práticas de mediação literária

Fonte: Elaborado pelas autoras.

D= Dissertação.

T = Tese.

A partir dos resumos dos trabalhos que compõem os quadros 1 e 2, foi possível identificar que os estudos foram defendidos entre os anos 2000 e 2019, ou seja, transcorrendo 19 dos 30 anos do Nupein. Contudo, podemos considerar que seu

desenvolvimento antecede esse período, já que a primeira dissertação defendida é proveniente de estudo anterior, desenvolvido ainda no período de graduação da autora.

A análise dos resumos dos trabalhos permitiu a delimitação de 9 categorias temáticas: bebês; cuidado; docência; relações; corpo; linguagens; brincadeira; inserção e famílias. A partir de nova análise, cotejando títulos, palavras-chave, resumos e, em alguns casos, os resultados dos estudos, reagrupamos as categorias e chegamos a três categorias temáticas: bebês; docência-relações e cuidado-corpo. Estas três categorias serão analisadas nas próximas seções do artigo.

Antes de passar às análises, apresentamos alguns dados sobre as pesquisadoras e os contextos das pesquisas. Dos 21 estudos, 17 foram desenvolvidos na rede pública municipal de Florianópolis ou em unidades de Educação Infantil – dois em instituições conveniadas, ou com profissionais que atuam na rede municipal; um foi desenvolvido em uma creche em Portugal; outro com profissionais da região metropolitana de Florianópolis e dois são análises da produção acadêmica. Quanto às pesquisadoras, nove eram/são professoras na rede pública municipal de Florianópolis; duas são professoras na Educação Infantil na rede pública federal, uma delas à época da pesquisa atuava na rede pública municipal; quatro são professoras universitárias, uma delas na ocasião da pesquisa de mestrado era professora de Educação Infantil e no período do doutorado na graduação, outra era professora de educação física na Educação Infantil e na universidade, no momento do doutorado, afastou-se das atividades profissionais; uma atua como pedagoga em um instituto federal e à época da pesquisa atuava como psicóloga.

O QUE DIZEM OS TRABALHOS COM/SOBRE BEBÊS DO NUPEIN?

Nas seções a seguir serão abordadas as três categorias temáticas delimitadas. Destacamos que tais categorias são resultado da nossa leitura e discussão sobre o conteúdo dos trabalhos e não buscam unificá-los ou classificá-los. A sua delimitação, tem o objetivo de permitir alguma sistematização das contribuições dos estudos para o campo das pesquisas com bebês.

É importante considerar que tais estudos têm resultado em uma produção contínua e dialógica entre as pesquisadoras do Nupein, na interface entre a Pedagogia da Infância e outros campos de conhecimento. Revela um movimento crescente de refinamento do construto teórico, que toma como base uma perspectiva crítica, da constituição sócia histórica da criança e da infância. Este movimento coletivo do grupo

proporcionou, ao longo de sua história, o desenvolvimento de pesquisas que se caracterizam pela continuidade e aprofundamento conceitual, algo observável na apresentação das categorias selecionadas neste artigo.

Bebês

A análise das teses e dissertações permite identificar um movimento bastante interessante quanto a três aspectos que, no caso da categoria temática “bebês”, têm especial importância. Em primeiro lugar, a produção das pesquisas parte de uma dada realidade. Ou seja, os trabalhos se situam em um contexto acadêmico e de práticas sociais– sem querer sugerir que a academia não produz práticas sociais, apenas no sentido de diferenciá-la– em que a Educação Infantil e o trabalho com os bebês são objetos de preocupação. Esse fato acaba por mobilizar o interesse das pesquisadoras.

Um segundo ponto diz respeito à contribuição, à constituição, de um campo de estudos que era ainda pouco explorado no Brasil. Nesse contexto, destacamos a atuação do Centro de Investigação sobre o Desenvolvimento e Educação (CINDEDI), grupo da Universidade de São Paulo de Ribeirão Preto, que apresenta uma ampla contribuição no campo dos estudos sobre/com os bebês na interface da Psicologia com a Educação. Na emergência de pesquisas que buscavam considerar as crianças, desde bebês, como sujeitos centrais, o referido centro já apresentava, na década de 1990, uma trajetória consolidada nessa perspectiva, enquanto outros grupos se iniciavam nesse itinerário.

Por fim, destacamos o percurso identificado no interior do próprio Nupein, tendo em vista a visível articulação entre os estudos que se ancoram nos achados dos estudos anteriores e aprofundam elementos de ordens teóricas e metodológicas, enunciando novas categorias.

No tocante a este terceiro ponto, a análise diacrônica dos estudos revela um deslocamento do lugar dos bebês nas pesquisas, tanto do ponto de vista conceitual como metodológico². Ao examinar os primeiros estudos, notamos que os bebês apareciam como uma categoria genérica, na delimitação etária 0 a 3 anos (STRENZEL, 2000; COUTINHO, 2002; DEMARTINI, 2003), diferentemente do que percebemos nos estudos posteriores. Nesses, eles são tomados como sujeitos centrais, e permitem avançar na compreensão de quem são e o que podem (TRISTÃO, 2004; COUTINHO, 2010; SCHMITT, 2014; CABRAL, 2019; GONÇALVES, 2019).

² Diante da impossibilidade de desenvolver uma abordagem a contento sobre as contribuições nas dimensões teóricas e metodológicas, optamos por privilegiar o debate teórico. Em oportunidade futura nos deteremos nas contribuições metodológicas.

O que poderíamos classificar como uma maior delimitação conceitual, a focalização nos bebês, tem sido classificada como uma mudança paradigmática, que acompanha, com alguma distância temporal e singularidade, o movimento internacional dos novos estudos sociais da infância.

A aproximação a esta área de estudo, em especial pela interlocução com a produção portuguesa, ocorre no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, quando nos Estados Unidos e Europa o campo remonta os anos 1980 e 1990. O diálogo interdisciplinar permitiu que os estudos do Nupein incorporassem uma visão de criança e infância mais situada, ratificando a defesa da infância enquanto uma construção social e da criança como sujeito competente. Avançando, desta forma, na consideração de categorias sociais como geração, classe, raça³ e gênero. Estas categorias não estavam ausentes dos estudos, contudo sua consideração nos estudos na área da Educação Infantil ainda era bastante esparsa.

A singularidade que marca os estudos brasileiros refere-se a uma categoria, muitas vezes, analisada pelo seu viés limitador no campo dos estudos sociais, a idade. Tida como um marcador social arbitrário, tendo em vista que em grande parte das vezes questiona-se a classificação dos sujeitos a partir desta categoria, ela tem importância quando analisada de modo articulado a outras categorias. Brito da Motta (1999) chama a atenção, alegando que muitos aspectos biossociais são co-extensivos, havendo “[...] a múltipla pertinência de classe, de sexo/gênero, de idade/geração e de raça/etnia, com a formação de subjetividades ou de identidades correspondentes” (BRITTO DA MOTA, 1999, p. 193).

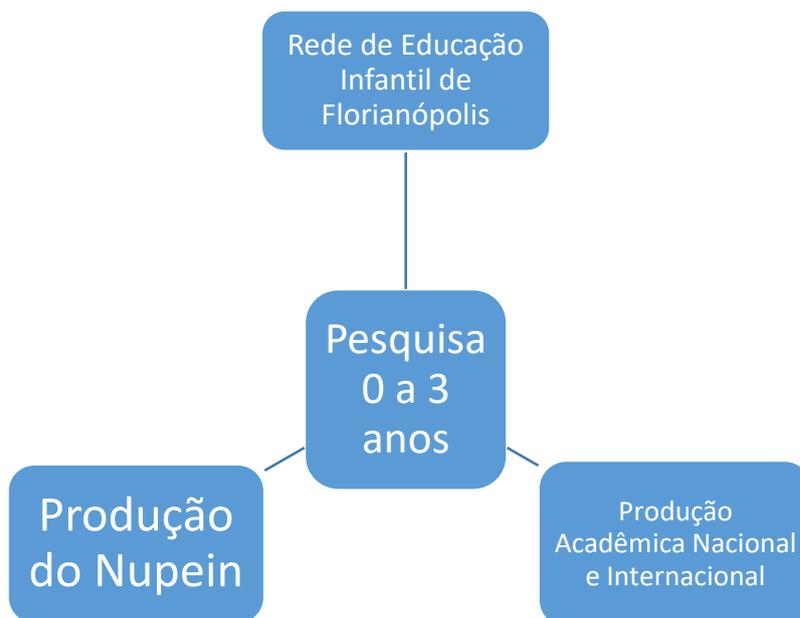
E por que a idade é uma marca de singularidade dos estudos brasileiros com crianças? O fato de grande parte destes estudos situar-se na área da Educação Infantil, a presença de crianças de 0 a 5 anos, grupo social que tem garantido pela Constituição o direito a frequentar a creche e a pré-escola no Brasil, é numericamente expressiva. A proporção de estudos que tratam das crianças de 0 a 3 anos frente aos que tratam das crianças de 4 e 5 anos é menor, como já citado no estudo, sobre a produção do GT07 da Anped, de Buss-Simão, Rocha e Gonçalves (2015). Observam as autoras, que na amostra analisada, havia apenas 23 trabalhos sobre crianças de 0 a 3 anos em um universo de 175. Contudo, é inegável a presença de crianças que não utilizam à escrita

³ O termo raça não aparece de modo explícito nas produções dos estudos sociais da infância, em especial de tradição européia, que geralmente se referem à etnia. No Brasil a utilização do termo raça ou étnico-racial como categoria social, que constitui as infâncias, tem sido cada vez mais defendida, já que o pertencimento racial das crianças interfere de modo direto nas suas experiências de vida e nos fatores de desigualdade que marcam as suas infâncias.

e a fala como principais formas de comunicação nestes estudos, o que se diferencia substancialmente dos estudos europeus e norte-americanos.

Deste modo, faz-se necessário situar a trajetória dos estudos com crianças de 0 a 3 anos no Nupein a partir de três principais interlocuções:

Figura 1: Pesquisa 0 a 3 anos e seus interlocutores



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Seguindo o fio analítico das interlocuções que atravessam as pesquisas do Nupein, identificamos nos estudos um refinamento da delimitação conceitual em torno dos bebês. A escolha do grupo etário 0 a 3 anos, para o desenvolvimento dos estudos, está circunscrita à sub etapa creche, que constitui a Educação Infantil. Mas, a definição das crianças apenas a partir da idade foi se revelando insuficiente para as análises pretendidas. Na perspectiva de questionar a normatização dos sujeitos, Tristão (2004, p. 116) afirma que:

A educação, muitas vezes, desenvolve-se a partir das expectativas que o professor ou a professora tem sobre o (a) educando (a), expectativas quanto ao sexo, à classe social, à deficiência, à família. Isso vale para bebês, para crianças e mesmo para adultos - quanto eu, professora, acredito nessa pessoa que está à minha frente? Dessa forma, as concepções de infância e de crianças que as professoras constroem determinam as suas práticas.

Para a pesquisadora, a observação é o elemento chave para a superação de uma visão normativa em torno dos bebês e a base para a prática pedagógica das professoras,

que não se resume à observação, mas não pode prescindir dela. Coaduna esta perspectiva à problematização apresentada por Coutinho (2010, p. 89) em sua tese:

Devido à recorrência de uma demarcação etária para o bebê do zero aos dois anos de idade, correntemente toma-se como referência essa delimitação, assim como considera-se a etariedade definida pelas instituições de educação, que geralmente delimitam a faixa etária da creche de 0 a 3 anos. De qualquer modo, temos que considerar que essas são designações externas que levam em conta uma série de características que talvez não sejam relevantes aos olhos das crianças.

As autoras defendem que a conceitualização de quem é o bebê ultrapassa uma definição exclusivamente etária ou assentada em uma perspectiva epistemológica única. Sabe-se que ser bebê constitui a experiência inicial de chegada ao mundo. Isso implica uma visão em torno da dependência relativa deste ator social à provisão e proteção dos adultos, assim como as formas de participação – e mesmo se o bebê participa – e as relações com ele estabelecidas. Assim,

[...] o critério “idade” deve ser bastante relativizado ao se pensar as escolhas relacionais das crianças, tendo em vista que para as crianças o que identifica em certa medida a cronologia são aspectos variados e não especificamente um dado numérico. Mesmo para os adultos, o que permite classificar um ser humano como um bebê? É a idade? São os seus comportamentos? As suas competências? Poder-se-ia designá-los como constituintes de uma “unidade social”? (COUTINHO, 2010, p. 88).

Um possível indicativo de resposta para as questões apresentadas pela pesquisadora pode ser encontrado nos estudos de Tristão (2004) e Schmitt (2014), ao remeterem à compreensão de quem são os bebês a partir da experiência. Ou seja, das relações de alteridade estabelecidas nos diferentes contextos sociais e culturais, que são tangenciadas pelos movimentos individuais e coletivos, pelas normas e práticas sociais das instituições; em especial a partir do encontro entre os bebês, destes com as demais crianças e com os adultos.

Neste sentido, a ação e as relações sociais são dimensões relevantes de análise, pois ensejam múltiplas possibilidades de compreensão de quem é o bebê e o que ele pode. As pesquisas que focalizam ou tratam a brincadeira, as linguagens e o corpo dos bebês (BUSS-SIMÃO, 2012; CABRAL, 2019; CASTRO, 2011, 2016; COUTINHO, 2002, 2010; GONÇALVES, 2019; VAROTTO, 2015) apresentam inúmeros contributos para o adensamento do conhecimento sobre o que podem os bebês. Ao tratar do encontro dos bebês com os livros, Gonçalves (2019) traduz a potência da ação dos bebês, que mesmo sem falar nos dizem muito:

[...] O verbo delira quando os bebês reinventam o verbo e colocam em cena o corpo, com suas leituras singulares. Uma leitura sensorial e intensamente investigativa, de quem quer conhecer, reconhecer e explorar o mundo a sua volta.

Essa visão de bebê potente, um ator social competente que lê o mundo e se põe em relação com ele de um modo próprio, pode ser identificada em todos os estudos do Nupein com as crianças de 0 a 3 anos. Esta visão é fundamentada em um campo interdisciplinar, com a predominância da interlocução entre a Pedagogia da Infância (ROCHA, 1999), a Sociologia da Infância (PINTO; SARMENTO, 1997), a Psicologia Histórico-cultural (VYGOSTSKY, 1996, 2000), a Filosofia da Linguagem (BAKHTIN, 2006), a Antropologia do Corpo (LE BRETON, 2009). Concepção e áreas disciplinares que também fundamentam os estudos com ênfase na docência e nas relações.

Docência-Relações

Dar visibilidade aos contornos próprios da docência na Educação Infantil, e especificamente à ação docente com bebês e crianças bem pequenas, tem sido um dos motes principais do conjunto das pesquisas aqui selecionadas e analisadas. Há vários aspectos que mobilizam o campo da pesquisa, tais como: o anúncio reiterado acerca da ausência de estudos que tratem dos processos educativos de bebês em espaços de educação coletiva, a emergência de produção de indicativos sobre a docência com bebês, fortalecidos pelos dispositivos legais que definem a educação como um direito da criança de 0 a 6 anos (BRASIL, 1988) e a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica brasileira, incluindo o atendimento de crianças de 0 a 3 anos, com a exigência de contratação de profissionais formados/as (BRASIL, 1996). Tais aspectos mobilizam o campo da pesquisa a partir de questões como: o que é ser professora de bebês? O que fazem os bebês? O que fazer com os bebês? O que é a docência com bebês?

Na efervescência dessas questões, há um movimento metodológico dos estudos em ir ao encontro das profissionais e dos bebês no campo empírico, no sítio de suas relações educativas, ou seja, a creche. No conjunto destes estudos, alguns se dedicaram a investigar a ação ou as perspectivas das profissionais acerca da ação docente com bebês. Outros se concentraram na relação das profissionais com os bebês e a relação entre os bebês. E houve aqueles, ainda, que abrangeram temáticas específicas implicadas com a ação profissional.

Todos esses estudos indicam o caráter relacional/interativo da ação docente, ainda que tal característica não se restrinja à Educação Infantil, mas ao trabalho

docente em geral. As pesquisas mais recentes embasam tal afirmação em Perrenoud (1993) Tardif e Lessard (2005), Teixeira (2007), ao considerar que a docência se funda no encontro com outros, o que torna a relação condição central para sua existência.

Todavia, as particularidades dos que estão envolvidos nesta relação acarretam na configuração de especificidades que contornam a ação docente e a própria função social de cada etapa ou nível de educação. Desta forma, compreender a Educação Infantil implica no reconhecimento de especificidades oriundas da composição relacional, estabelecidas com as crianças de 0 a 5 anos no contexto da creche. De acordo com Cerisara (2002), entender a especificidade do trabalho da professora de Educação Infantil, só será possível na medida em que as particularidades de sua ação junto aos bebês e crianças pequenas forem amplamente compreendidas.

Tristão (2004) definiu em sua pesquisa que o trabalho pedagógico, com crianças de 0 a 3 anos, envolve a promoção de relacionamentos intensos, entre as profissionais e os bebês, entre os bebês, entre profissionais e famílias, entre os bebês e a cultura. A autora, reconhece e endossa o caráter relacional da docência. E, dentre essa multiplicidade relacional, dá-se visibilidade a um conjunto fluido de interações cotidianas que abarcam ações sutis, desempenhadas pelas profissionais que “muitas vezes não são percebidas dentro da rotina diária, mas que são determinantes na caracterização dessa profissão devido ao seu cunho humanizante.” (TRISTÃO, 2004, p. 159).

Em seu estudo há muitos exemplos destas ações sutis, que sustentam ou alteram a relação com as crianças, como: mudar a posição de um bebê para que ele possa interagir com outras crianças, narrar e dialogar com um bebê durante a troca de roupas, ou ainda, reconhecer as manifestações comunicativas deles entre si e os auxiliar na continuidade de suas ações e interações.

Estes eventos relacionais são marcados, segundo a autora, por uma sutileza emanada pelo olhar, pelos gestos, pelas falas e por uma disponibilidade das profissionais em compreender e responder aos bebês nas situações mais cotidianas, e sobretudo, nas situações de cuidado. Esta disponibilidade de acolher, tentar compreender e responder aos bebês, é definida pela autora como auscultação, termo originário do campo da medicina, que auxilia a ampliar a perspectiva de ouvir ou escutar as crianças. Todavia, tal perspectiva está atrelada às concepções que as profissionais possam ter sobre os bebês e de sua potencialidade de agir, ou não, neste contexto.

Neste sentido, Duarte (2011) também reitera o caráter interativo da docência, e dá visibilidade às relações de cuidado e à dimensão corporal do trabalho das

professoras de bebês. Nesta esteira, ao ouvir um número considerável de professoras, que atuavam com bebês na rede pública municipal de Florianópolis, sua pesquisa refinou o olhar sobre a caracterização da ação docente, reconhecendo que as particularidades dos bebês impõem a composição de formas relacionais específicas. Há uma atenção sobre a demanda de ações de cuidado, que incidem na constituição reiterada de encontros mais próximos e individualizados entre profissionais e bebês, desenhados por uma dinâmica comunicativa corporal intensa entre estes.

A atenção sobre as relações mais individualizadas, constituídas nas situações de cuidado, é observada também nas pesquisas de Schmitt (2008, 2014), Demétrio (2015), Muniz (2017) e Cabral (2019), como descritor da docência com bebês.

Para Schmitt (2014) tais relações fazem parte da ação docente e implicam na composição de outras relações, que ocorrem de forma simultânea, no contexto coletivo dos bebês na creche. Segundo a autora, não é possível caracterizar a ação docente com bebês de forma linear ou monocrônica (HALL, 2005), como uma lista de ações que ocorrem a cada tempo. No contexto coletivo do grupo de bebês na creche, a professora se vê envolvida com um conjunto de situações, permeado pelas demandas singulares dos bebês, que implicam na constituição de múltiplos eventos relacionais que ocorrem ao mesmo tempo. Nas palavras de Hall (2005) uma composição policrônica, ou seja, muitas ações e relações que ocorrem ao mesmo tempo.

Esta condição múltipla não expõe apenas uma condição de polivalência da professora, que se envolve no cuidado e atenção com muitos bebês. Abrange, também, as ações e relações que os bebês iniciam e estabelecem neste espaço, de forma concomitante aos adultos. Tal configuração, múltipla e simultânea de relações, é endossada imperativamente pela condição dos bebês exigirem cuidados individualizados, que impõe as profissionais uma intermitência de aproximação e distanciamento. Ao terem de atender individualmente um bebê, elas se afastam dos demais, intensificando um tempo e espaço de outras relações entre eles e com o ambiente.

Desta forma, observa-se uma composição múltipla relacional, que contorna a ação docente e implica em uma organização pedagógica que necessita dar condição aos bebês para viverem outras relações e interações. Essa consideração reforça a perspectiva de que a docência se estabelece sobre todas as ações, relações e interações que ocorrem nesses contextos. Não apenas aquelas guiadas por parte das professoras às crianças, mas, também, as estabelecidas entre as próprias crianças e bebês.

Na pesquisa de Schmitt (2014), há uma ênfase sobre a composição de relações de atenção individualizada, que posteriormente é revisada por Silva (2018)⁴ e Cabral (2019) ao observarem que neste contexto coletivo, a disponibilidade das professoras não está para o indivíduo, mas para um grupo. Logo, há um refinamento nesta definição, ao considerar que os bebês, marcados pelo cruzamento natureza/cultura, manifestam demandas de cuidados singulares em um ambiente que é de cuidado-educação coletivo. Assim, a atenção das professoras sobre os bebês, está implicada em responder tais demandas individuais, mas, num contexto em que a sua atenção será, inevitavelmente, compartilhada com outras crianças.

De qualquer forma, as relações que envolvem o atendimento de demandas singulares, nos grupos de bebês e crianças pequenas, fomentam um contexto relacional múltiplo e cambiante, em que são produzidas relações educativas variadas com as crianças.

Isto implica em uma ruptura de uma visão verticalizada e linear da ação docente com bebês e crianças pequenas, ao evidenciar outras relações que ocorrem na composição do processo educativo de bebês no âmbito coletivo da creche. A pesquisa de Demartini (2003) já enunciava isto, ao afirmar que as profissionais não estão sempre na cena das interações vividas pelas crianças, ainda que, indubitavelmente, elas sejam as responsáveis por organizar os cenários, ou se preferirmos, as condições materiais para que tais relações ocorram.

Sob esta perspectiva, de que a ação docente está envolvida com um conjunto de relações, os estudos dão visibilidade aos processos interativos entre bebês, com atenção à potencialidade da ação e comunicação deles entre si. Elas reconhecem que os bebês agem neste contexto, que suas ações desencadeiam e fazem parte do processo educativo, e que, portanto, interferem na composição da ação docente.

Assim, há um anúncio nos estudos de

[...] uma ação docente implicada não apenas com aquilo que a professora faz com as crianças pequenas, seja individualmente ou em grupo, mas concomitantemente ligada com uma organização de tempo e espaço que acolhe, fomenta, sustenta, apoia as ações e interações delas consigo mesmas, entre pares e com a cultura (SCHMITT, 2014, p. 52).

O caráter relacional da docência, também abrange outras categorias de análise, como a relação creche-família e a relação entre as profissionais. Neste sentido, os

⁴ Esta pesquisa embora não esteja no quadro de análise deste artigo, foi orientada pela professora Dra. Márcia Buss Simão, membro do NUPEIN, no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL).

estudos que trataram sobre a inserção (JACQUES, 2014; RODRIGUES, 2017) abordam a organização da ação educativa, acerca dos processos de entrada ou retorno das crianças e famílias à Educação Infantil, com foco na composição ou reiteração de relacionamentos envolvendo adultos e crianças.

Estas pesquisas contribuem para a ampliação da compreensão da docência nesta etapa, e sua definição a partir do caráter relacional, ao dar visibilidade à implicação do planejamento da ação pedagógica sobre o início ou a composição de relacionamentos com bebês e suas famílias.

A abordagem sobre as relações com as famílias, de forma implicada com a docência, aparece também nas pesquisas de Duarte (2011) e Machado (2015). Para Duarte (2011) a relação com as famílias, é um forte descritor da ação docente com bebês, e está envolto por uma condição de partilha acerca da responsabilidade do cuidado e educação destes. Embora não se configure como uma transferência de responsabilidade pedagógica às famílias, para a autora "as ações docentes não se constituem num vazio social, elas estão imbricadas numa rede de relações sociais que denotam uma interação entre os sujeitos no cotidiano das instituições" (DUARTE, 2011, p.39). No que concerne às famílias, esta partilha está atrelada também ao fato de ambas as instituições assumirem funções de cuidado muito próximas, e pela exigência de diálogos, em que os familiares assumem o papel de primeiros porta-vozes dos bebês na creche.

O termo partilha, também é enunciado como uma forte característica da ação docente com bebês, condicionado ao fato de que as profissionais atuam de forma conjunta com este grupo. Nas palavras da autora "Não existe a possibilidade de pensar num grupo de bebês [...] para um adulto." (DUARTE, 2011, p.143) As particularidades deste grupo de crianças, impõem o compartilhamento da ação entre, no mínimo, duas profissionais, de forma a atender as suas demandas singulares e coletivas.

Duarte (2011) adjetiva tal especificidade como docência partilhada, e intensifica no grupo do Nupein, e na própria rede municipal de educação infantil em que realiza a pesquisa, o debate sobre a condição da interação entre as profissionais na composição da ação docente na Educação Infantil. A pesquisa de Gonçalves (2014) amplia esta discussão, ao considerar que não se trata necessariamente de uma partilha de responsabilidade ou intencionalidades, visto que o significado deste termo está associado muito mais à divisão do que o realizar juntos. Para a autora,

Compartilhar a docência não se trata de dividir ou atribuir responsabilidades delimitadas, mas uma relação permeada de parceria, por este motivo, a definição

docência compartilhada parece-nos mais apropriada. Compartilhar pressupõe: fazer parte de; tomar uma posição em relação; dividir com. Ou seja, é estar com, estar junto, numa relação de compartilhamento (GONÇALVES, 2014, p. 115).

Ódena (1995) já havia mencionado o trabalho das profissionais da Educação Infantil, não está implicado apenas com as relações estabelecidas com as crianças, mas também com outros adultos que fazem parte deste contexto ou que estão ligados pela corresponsabilidade da educação delas. Desta forma, a autora faz uma lista de composições interativas ligadas a atividade docente na Educação Infantil, na qual menciona a relação entre as profissionais que compõem a equipe pedagógica; sobretudo, as que atuam no mesmo grupo, e a relação destas com as famílias das crianças. Aqui poderíamos incluir outras relações que caracterizam o compartilhamento da docência, como bem destaca Varotto (2015), quando trata da relação entre a professora de Educação Física e as demais profissionais que atuam com os grupos de crianças. Uma relação desejável e necessária, mas nem sempre tranquila, pois é marcada por encontros e desencontros, em especial em torno das concepções de crianças, corpo e educação. Ou seja, há uma rede complexa de relações que fomentam os processos educativos das crianças e bebês.

Cuidado-Corpo

O cuidado e o corpo são apresentados como categorias importantes na construção do conhecimento sobre as relações sociais no âmbito da educação infantil, tanto no que se refere à ação dos bebês e das crianças (COUTINHO, 2002 e 2010; SCHMITT, 2008; CASTRO, 2011; BUSS-SIMÃO, 2012; MUNIZ, 2017; CABRAL, 2018) quanto no que concerne à ação das professoras (DUARTE, 2011; SCHMITT, 2014; DEMÉTRIO, 2015; SABBAG, 2017). De maneira geral, são categorias mencionadas ou tratadas de forma intensa nos estudos do Nupein, reconhecidas como descritores importantes das particularidades das relações sociais vividas no contexto da educação infantil. E são tratadas a partir de diversas dimensões.

O cuidado é uma função e uma das principais características que definem a especificidade da Educação Infantil. Ainda que o mesmo seja reconhecido como uma dimensão ética que atravessa as relações humanas, portanto, presente também em outros espaços sociais e em outras etapas da educação. Todavia, é na Educação Infantil, em especial no estudo com bebês, que ele ganha destaque.

As pesquisas contribuem e reiteram o anúncio das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (BRASIL, 2009), ao considerarem o cuidado de forma indissociável

ao educar. Isto abrange tanto as ações de prover, proteger, acolher, como também as que instigam a curiosidade, a ludicidade e a expressão infantil.

A análise do cuidado, também não se restringe apenas às ações que envolvem a ação direta das profissionais com as crianças, no atendimento de suas necessidades. Aborda e considera o cuidado também na forma como se organiza o espaço, os materiais, os enunciados, que fomentam o ambiente de convívio coletivo dos bebês e crianças pequenas, e na composição da ação das professoras em qualquer relação vivida com as crianças. É consenso, entre as pesquisas, que toda ação desenvolvida com ou para as crianças, no âmbito das instituições de Educação Infantil, é caracterizada como educativa, pois incide sobre a constituição pessoal e coletiva delas, e é atravessada pela dimensão do cuidado.

O reconhecimento do cuidado para a Educação Infantil aparece nas pesquisas, também com a perspectiva de indicar a alteração de seu status, resignificando seu papel nas relações estabelecidas cotidianamente (COUTINHO, 2002; TRISTÃO; 2004), visto que a compreensão de seu significado ainda não se apresenta como uma questão resolvida para o campo. Isto ocorre, sobretudo, nas situações que abrangem as relações em torno do cuidado corporal, como higiene, alimentação e sono, na composição do trabalho docente. Algumas pesquisas indicam incômodos e frustrações das profissionais, na dificuldade de se sentirem professoras quando se envolvem intensamente em tais tarefas. Tristão (2004), Duarte (2011), Coutinho (2002) e Schmitt (2014) mencionam em seus estudos que, embora tais ações ocupem grande parte da jornada das profissionais, as mesmas não ocupam o mesmo status de outras proposições consideradas mais pedagógicas, sendo, ainda, as menos planejadas.

Aspectos estruturais também aparecem nos estudos como um forte implicador/limitador na composição e compreensão das ações de cuidado. Isto foi verificado ao observar que as condições materiais, a proporção crianças/adultos e normas institucionais, muitas vezes, se desencontram das singularidades e subjetividades das crianças neste contexto. Essas divergências geram dificuldades concretas na qualificação das relações neste âmbito. A quantidade de bebês para poucos/as profissionais é citada em vários estudos (COUTINHO, 2002; TRISTÃO, 2004; DUARTE, 2011; DEMÉTRIO, 2015; SABBAG, 2017; CABRAL, 2019), como um grande complicador do trabalho docente, e desencadeador de práticas automatizadas nas situações de cuidado.

Pensar em qualidade no contexto da creche, exige situar as demandas de modo contextualizado, mas assegurar um mínimo de critérios que permitam o

desenvolvimento de práticas pedagógicas respeitadas [...]. Isso porque, como respeitar o princípio da atenção individual em um contexto em que duas profissionais dedicam-se a um número elevado de bebês? [...] Sabemos que não são exclusivamente essas condições que assegurarão uma prática pedagógica que respeite e se centre nos direitos, interesses e necessidades das crianças, mas temos que avançar no debate sobre a educação pública e de qualidade para as crianças pequenas no sentido de que essas e outras condições sejam asseguradas (COUTINHO, 2010, p. 216).

Uma contribuição importante das pesquisas, para a ressignificação do cuidado e para o reconhecimento de seu caráter educativo, sobretudo, nas situações cotidianas, é a visibilidade dada às ações e manifestações das profissionais e dos bebês nestas relações. O uso de ferramentas etnográficas nas pesquisas, como a inserção nos contextos das instituições, a descrição densa das ações e relações ali vividas, a captação de imagens fílmicas e fotográficas, contribuem para o reconhecimento de que os momentos de cuidado corporal são situações relacionais de intenso contato, afeto e diálogo entre bebês e adultos. (TRISTÃO, 2004; SCHMITT, 2008; MUNIZ, 2017; CABRAL, 2019)

Em especial o recurso da fotografia e da filmagem, aparece nos estudos (COUTINHO, 2002, 2010; TRISTÃO, 2004; SCHMITT, 2008, 2014; CASTRO, 2011; MUNIZ, 2017; CABRAL, 2019) potencializando, também, a atenção sobre as sutis e complexas formas comunicativas desencadeadas entre os bebês e os adultos, sobretudo, entre estes últimos. Tais recursos auxiliam a captação, bem como o retorno da observação pós campo, com o detalhamento das cenas e das ações sociais dos bebês, de modo que o uso apenas da linguagem limitaria a percepção do pesquisador.

É importante observar que a geração de dados pelo uso de métodos visuais é, indiscutivelmente, uma contribuição dos estudos desenvolvidos para os processos de formação dos/as professores/as. No que diz respeito ao processo de pesquisa, o compartilhamento com as profissionais participantes do estudo ao longo do percurso permite que analisem as relações estabelecidas com os bebês a partir de uma posição de distanciamento e estranhamento (COUTINHO, 2002, 2010; TRISTÃO, 2004; SCHMITT, 2014; CABRAL, 2019), fundamental para o processo de reflexão-ação-reflexão (FREIRE, 2001), que está na base da constituição da docência (TRISTÃO, 2004).

Quanto à formação docente, os dados gerados em campo e as análises tecidas têm sido referência para as formações inicial e continuada, em especial na visibilidade das relações em torno do cuidado. Nota-se esse parâmetro tanto no que diz respeito ao refinamento dos processos de observação, escuta e registro das manifestações das crianças quanto ao reconhecimento da centralidade da observação para a constituição

da docência na Educação Infantil, a importância da captação das relações, das diferentes linguagens, em especial as manifestas pelo corpo.

Como bem apontam Cerisara, Oliveira, Riveiro e Batista (2002), ao tratarem da relação das pesquisas e suas contribuições para o processo de formação de professoras no curso de Pedagogia, “uma aproximação aos universos infantis e às crianças pode ser lida como um encontro entre os adultos (professores e estagiários) e a alteridade da infância” (CERISARA, OLIVEIRA, RIVEIRO, BATISTA, 2002, p. 2).

Neste sentido, as pesquisas contribuem para dar visibilidade ao caráter enunciativo dos gestos e modos como os adultos direcionam e organizam as práticas interativas com bebês. Por outro lado, evidenciam também os modos como os bebês agem, respondem, contradizem, de forma direta ou indireta às ações e organizações das profissionais, assim como também suas próprias iniciativas interativas. Ou seja, indicam a necessidade de atenção do adulto sobre si, ao que anuncia e direciona aos bebês, numa perspectiva ética do cuidado (TRISTÃO, 2004; SCHMITT, 2008; DUARTE, 2011; RODRIGUES, 2017; MUNIZ, 2017; CABRAL, 2019), ao mesmo tempo que reivindicam a atenção sobre o que dizem e enunciam os bebês nestas relações (COUTINHO, 2002, 2010; TRISTÃO, 2004), sob uma perspectiva de reconhecimento de sua ação social e do caráter dialógico da relação educativa. A composição interativa nestas situações de cuidado, sobretudo as que envolvem o cuidado corporal, estão atreladas à necessidade de atenção sobre as iniciativas comunicativas e responsivas dos bebês.

As sutilezas destas manifestações interativas, tanto nas relações de cuidado como em outras, são descritas nas pesquisas pela presença enunciativa de bebês e adultos, marcada fortemente por uma linguagem corporal, ou se preferirmos, de forma mais direta, pelo corpo. A atenção sobre tais formas comunicativas nas pesquisas colaboram no reconhecimento das crianças, como potentes informantes das suas experiências de vida, e em especial de seus processos educativos.

De acordo com Buss-Simão (2009, p. 135), a legitimidade da menção ao corpo, nas relações educativas no contexto da creche, dá-se através de muitos aspectos: “a) corpo como suporte, instrumento e portador da aprendizagem humana; b) corpo como direito ético, no qual, todos têm o direito de ter um corpo; c) corpo como identidade; d) corpo como linguagem, expressão, “fala” e meio de comunicação; e) corpo como conhecimento.”

Nas pesquisas aqui analisadas, esses aspectos se entrelaçam, mas com o propósito comum de buscar a compreensão acerca das relações vividas pelos bebês no contexto da Educação Infantil. Neste sentido, o corpo é enunciado como um elemento importante

da ação social e da expressividade, entendido tanto como aspecto que é estruturado como também estruturador na relação social (COUTINHO, 2010; 2012). Ou seja, o corpo é componente da ação social, comunica e expressa essa estrutura, como também a modifica. De acordo com Coutinho (2010) e Buss-Simão (2012) o corpo é experiência e possibilidade de ação social,

[...] o corpo é compreendido como base da experiência social e como um meio de conhecimento, sendo que, por meio dessa dimensão [...] busca compreender os modos pelos quais a força do social imprime sua marca na natureza corporificada, ao mesmo tempo em que as capacidades e os recursos naturais são socialmente explorados e expressos pelas crianças (BUSS-SIMÃO, 2012, p. 29).

Esses e outros estudos (SCHMITT, 2008; CASTRO, 2011; MUNIZ, 2017; VIEIRA, 2019) evidenciam a ação social dos bebês e crianças pequenas, no âmbito das relações constituídas na Educação Infantil. Tal fato ocorre pelas estratégias comunicativas marcadas pelo corpo, bem como, a forma como eles interferem no contexto relacional da creche. Neste sentido, o olhar sobre o corpo a partir da sua condição natureza/cultura, na contraposição de observá-lo por um viés dicotômico, auxilia também na construção de uma compreensão mais alargada e complexa acerca da presença e da potência dos bebês nos âmbitos institucionais.

A pesquisa de Cabral (2019) corrobora ao evidenciar que os bebês possuem demandas corporais que interferem na organização institucional e na composição da ação dos adultos, no caso, as professoras. Para a autora, o reconhecimento das singularidades dos bebês, expressadas e presentificadas pelo corpo, orienta e contorna de forma específica a ação docente na Educação Infantil e reitera o anúncio de uma perspectiva relacional e dialógica da docência. Ou seja, a composição desta ação, ou a organização das relações educativas com bebês, são demarcadas pelas singularidades destes, evidenciadas, em especial, pela necessidade do cuidado corporal. Tal ideia também é abordada, ainda que de forma embrionária, nas pesquisas de Tristão (2004), Duarte (2011) e Schmitt (2014). Há uma potente intervenção dos bebês, a partir das suas singularidades, marcadamente pelo corpo, que altera de forma imperativa a composição das relações no contexto da educação infantil.

O caráter de dependência dos bebês, é ressignificado nesses estudos, pela perspectiva de sua própria potência, de interferir neste contexto relacional. A pesquisa de Cabral (2019), amparada pelos estudos anteriores, evidencia a composição de uma interdependência entre adultos e bebês na configuração das suas relações. De fato, os bebês dependem das profissionais docentes para atender e responder às suas necessidades básicas. Todavia, essa dependência traz repercussões ao modo como os

adultos dirigem a sua ação. Ou seja, de modo mais direto, a docência também é determinada pelos aspectos singulares dos bebês, que contribuem para a constituição de uma especificidade, própria, nas formas de atuar das profissionais. Assim, a composição da ação docente é afetada e cadenciada por essas manifestações/demandas físicas, sociais e emocionais dos bebês que compõem o grupo.

Os estudos de Demétrio (2015) e Sabbag (2017) vão considerar também a categoria corpo, não apenas no sentido enunciativo da relação adulto e bebês e entre os bebês, mas também como uma categoria que descreve de forma intensa o trabalho docente na Educação Infantil. Ou seja, a docência nesta etapa, e em especial com os bebês, é descrita como um trabalho que apresenta exigências sobre o corpo das profissionais, identificadas principalmente nas ações de cuidado, na necessidade de uma disponibilidade para brincar com os bebês e nas ações de comunicação (DEMÉTRIO, 2015).

Para Sabbag (2017) o corpo é elemento central da docência na Educação Infantil. Ele é constituído e constituidor da ação docente, pois afeta e é afetado pelas particularidades das relações nos processos educativos com bebês e crianças. No que tange aos bebês, a autora reitera os indicativos das pesquisas já citadas, ao considerar que a especificidade da docência com bebês é marcada por uma dinâmica relacional corporal intensa, evidenciada pela necessidade de constante contato (dar colo, trocar, alimentar, auxiliar nas descobertas dos movimentos, abaixar, sentar-levantar constantemente, brincar).

Tais relações apresentam demandas sobre o corpo das profissionais, sobretudo, uma disposição para atender às necessidades físicas, emocionais e relacionais dos bebês, ocasionando, muitas vezes, um desgaste físico que, segundo Sabbag (2017), está relacionado também com a ausência de uma formação que contribuía para a consciência corporal das profissionais. Muitos movimentos, elaborados, repetidas vezes, de forma inadequada, têm contribuído para o alto índice de adoecimento dos adultos que trabalham com bebês, e agravados por uma estrutura que limita e dificulta o trabalho das profissionais (ausência de móveis adequados, que respondam às particularidades da relação entre adultos e bebês, carga horária de trabalho, número elevado de bebês em um mesmo grupo etc.).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da trajetória dos estudos com e sobre os bebês, sua educação e cuidado no contexto da creche, desenvolvidos no Nupein, permitiu visualizar a grande

contribuição deste núcleo de pesquisa para o campo específico dos estudos com/sobre bebês. Possibilitou, também, que fosse feito o delineamento de categorias teórico analíticas a partir do diálogo do campo da Educação e, em especial, da Pedagogia da Infância, com outros campos disciplinares, assim como a partir do refinamento destas categorias no interior do próprio Nupein.

A partir da delimitação de categorias temáticas, foi possível identificar que a concepção de bebê é um elemento central dos estudos, que de uma visão genérica acerca das crianças de 0 a 3 anos, passaram a focalizar a importância da delimitação de quem são e o que podem os bebês. Com essa finalidade, tomou-se como referência, em especial, as experiências sociais por eles vividas. Tais experiências são basilares para a compreensão da docência na Educação Infantil, uma profissão contornada pelas relações e caracterizada por ações educativas que são atravessadas pela dimensão do cuidado.

O reconhecimento do cuidado como constitutivo das práticas pedagógicas é revelado nas pesquisas, a partir da valorização da atenção individual aos bebês em um contexto coletivo, mobilizando uma ética do cuidado. Nesse contexto, o lugar do corpo é central, nomeadamente como um elemento da ação social e da expressividade.

As dimensões acima destacadas dizem de uma trajetória já vivida e permitem perspectivar novos estudos, no sentido de aprofundar categorias já tematizadas. E a aspiração é que contribuam, especialmente, na geração de novas perguntas, que sigam mobilizando estudos comprometidos com a qualificação da produção do conhecimento, com a defesa do direito dos bebês. Isto é, que contribuam para que eles sejam auscultados e que sua voz seja considerada, bem como das profissionais que com eles atuam. Assim, parece-nos perfeitamente possível falar na consolidação de uma Pedagogia da Infância focalizada nos bebês, ainda jovem, mas com grande potencialidade.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BRASIL. [Constituição (1998)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. Brasília: MEC/SEB, 2009.

BRITO DA MOTTA, As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. **Cadernos Pagu**, n.13. Dossiê Gênero em Gerações. Campinas: Unicamp, 1999, p.191-221.

BUSS- SIMÃO, **Relações sociais em um contexto de Educação Infantil**: um olhar sobre a dimensão corporal na perspectiva de crianças pequenas. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

BUSS-SIMAO, Márcia; ROCHA, Eloisa Acires Candal; GONÇALVES, Fernanda. Percursos e tendências da produção científica sobre crianças de 0 a 3 anos na Anped. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 96, n. 242, p. 96-111, 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217666812015000100096&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 06 de março 2021.

CABRAL, Viviane Vieira. **O corpo dos bebês na constituição da especificidade da docência na educação infantil**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

CASTRO, Joselma Salazar. **A constituição da linguagem e as estratégias de comunicação dos e entre os bebês no contexto coletivo da educação infantil**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

CASTRO, Joselma Salazar. **A docência na educação infantil como ato pedagógico**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

CERISARA, Ana Beatriz; OLIVEIRA, Alessandra Mara Rotta de Oliveira; RIVEIRO, Andréa Simões; BATISTA, Rosa. Partilhando olhares sobre as crianças pequenas: reflexões sobre o estágio na educação infantil. Revista **Zero-a-Seis**, n. 5, v. 4, 2002, p. 1-7. Disponível em: <file:///C:/Users/angel/Downloads/11157-Texto%20do%20Artigo-33861-1-10-20090720.pdf>. Acesso em: março de 2004.

CERISARA, Ana Beatriz. **Professoras de educação infantil**: entre o feminino e o profissional. São Paulo: Cortez, 2002.

COUTINHO, Ângela Maria Scalabrin. **A ação social dos bebês**: um estudo etnográfico no contexto da creche. Tese (Doutorado em Estudos da Criança) – Universidade do Minho, Braga, 2010.

COUTINHO, Ângela Maria Scalabrin. **As crianças no interior da creche**: a educação e o cuidado nos momentos de sono, higiene e alimentação. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

COUTINHO, Ângela Maria Scalabrin. O corpo dos bebês como lugar do verbo. In: ARROYO, Miguel G.; SILVA, Maurício Roberto da (org.). **Corpo infância**: exercícios tensos de ser criança por outras pedagogias dos corpos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 240- 258. ISBN 9788532644114.

DEMÉTRIO, Rubia Vanessa. **A dimensão corporal da relação educativa com bebês:** na perspectiva das professoras. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

DERMARTINI, Patrícia. **Professoras de crianças pequenas:** um estudo sobre determinantes que compõe as suas práticas pedagógicas. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

DUARTE, Fabiana. **Professora de bebês:** as dimensões educativas que constituem a especificidade da ação docente. 2011. 288f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

FREIRE, PAULO. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 20 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

GONÇALVES, Fernanda. **A educação dos bebês e crianças pequenas no contexto da creche.** 2014. 202f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

GONÇALVES, Fernanda. **As palavras e seus deslindes:** a relação dos bebês com os livros na educação infantil. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

HALL, Edward. **A dimensão oculta.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

JACQUES, Rúbia Eneida Holz. **Inserção na creche e relações sociais:** estudo de caso de um bebê recém-chegado. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

LE BRETON, David. **Sociologia do corpo.** 3ª ed. Tradução de Sonia M. S. Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MACHADO, Zenaide de Sousa. **Educação de 0 a 3 anos:** a qualidade na perspectiva das famílias de uma creche conveniada. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

MUNIZ, Jacira Carla Boquetti. **“Olha só, ele me enganou! Estava com sono até agora...”.** O que nos dizem os bebês? Aproximação às práticas de cuidado a partir da etnografia na educação infantil. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

ÒDNA, Pepa. **Infancia y escuela de 0 a 3 años.** Barcelona: Centro del Publicaciones del MEC, Associació de Mestres Rosa Sensat. 1995

PERRENOUD, Philippe. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação:** perspectivas sociológicas. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel J. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. *In:* PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto. **As crianças** - contextos e identidades. Portugal, Centro de estudos da criança: Editora Bezerra, 1997, p. 7-30.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. **A pesquisa em educação infantil**. Trajetória recente e perspectiva de consolidação de uma Pedagogia da Educação Infantil. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.

RODRIGUES, Zoleima Pompeo. **A inserção na relação educativo-pedagógica na educação infantil**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. A pesquisa na universidade e a educação da criança pequena. **Cadernos de pesquisa**, v. 67, n. 4, p. 59-63, nov. 1988.

SABBAG, Samantha. **“Porque a gente tem um corpo né..., mas a gente só lembra do corpo quando ele dói!”**: a centralidade do corpo adulto nas relações educativas na educação infantil. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2017.

SCHMITT, Rosinete Valdeci. **“Mas eu não falo a língua deles!”**: as relações sociais de bebês num contexto de educação infantil. 2008. 218f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SCHMITT, Rosinete Valdeci. **As relações sociais entre professoras, bebês e crianças pequenas**: contornos da ação docente. 2014. 282f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2014.

STENZEL, Giandréa Reuss. **A Educação Infantil na Produção dos Programas de Pós Graduação em Educação no Brasil**: indicações pedagógicas para a educação de crianças de 0 a 3 anos. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2000.

TARDIFF, Maurice; LESSARD, Claude. **Trabalho Docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. Da condição docente: primeiras aproximações teóricas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 99, p. 426-443, maio/ago. 2007.

TRISTÃO, Fernanda Carolina Dias. **Ser professora de bebês: um estudo de caso de uma creche conveniada**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

VAROTTO, Mirte Adriane. **Educação Física com Bebês**: as práticas pedagógicas nas creches da rede municipal de ensino de Florianópolis. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2015.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Obras Escolhidas** vol. IV. Madrid: Visor, 1996.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. Manuscritos de 1929. **Educação & Sociedade**. (Tradução brasileira do Russo A. A. Puzirei) Cedes, 71, 2000, p. 21-44.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

A PESQUISA COM/SOBRE BEBÊS NO NUPEIN: ANÁLISE DA TRAJETÓRIA

Research with/about babies in Nupein: analysis of the trajectory

Angela Maria Scalabrin **COUTINHO**
Departamento de Teoria e Prática de Ensino
Universidade Federal do Paraná
Curitiba, Brasil
angelamscoutinho@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0002-3709-8561>

Rosinete Valdeci **SCHMITT**
Núcleo de Formação, Pesquisa e Assessoramento da
Educação Infantil – NUFPAI/DEI
Prefeitura Municipal de Florianópolis
Florianópolis/ Brasil
rosinete.schmitt@sme.pmf.sc.gov.br
 <https://orcid.org/0000-0002-4268-5920>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rua Marechal Deodoro, 557 – Vendaval – Biguaçu SC CEP 88164-106.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao conjunto de pesquisadoras do NUPEIN, em especial as que são citadas neste artigo, pela contribuição de seus estudos.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: A. Coutinho; R. Schmitt

Coleta de dados: A. Coutinho; R. Schmitt

Análise de dados: A. Coutinho; R. Schmitt

Discussão dos resultados: A. Coutinho; R. Schmitt

Revisão e aprovação: A. Coutinho; R. Schmitt

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](https://portal.periodicos.ufsc.br/). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista
Recebido em: 11-05-2021 – Aprovado em: 19-07-2021